



Juventude Cyberpunk: Hackativismo, Cultura e Identidade na Era Digital

Guilherme Augusto Siebeneichler¹

RESUMO: Este artigo examina a complexa interseção entre juventude, cultura cyberpunk e movimentos de resistência digital, com foco especial no hackativismo. Partindo da perspectiva da juventude como um grupo frequentemente associado à delinquência e à marginalização, o estudo busca desafiar esses estereótipos e explorar como as narrativas cyberpunk refletem e moldam as identidades juvenis na sociedade contemporânea. O cyberpunk, como expressão cultural, levanta questões sociais, políticas e tecnológicas, influenciando o imaginário coletivo e a cultura popular. O hackativismo emerge como uma forma de resistência, redefinindo o papel da tecnologia na promoção da justiça social e da democracia participativa. Ao promover uma abordagem inclusiva e centrada nos direitos humanos, o artigo abre espaço para uma reflexão crítica sobre o papel dos jovens na construção de um mundo mais justo e equitativo. Através de uma análise teórica e empírica, o estudo contribui para o entendimento das dinâmicas de poder e transformação social que permeiam a juventude e suas práticas culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Cultura, Cyberpunk, Hackativismo, Justiça Social.

ABSTRACT: This article examines the complex intersection between youth, cyberpunk culture, and digital resistance movements, with a particular focus on hacktivism. Starting from the perspective that youth are often socially associated with delinquency and marginalization, the study seeks to challenge these stereotypes and explore how cyberpunk narratives both reflect and shape youth identities in contemporary society. Cyberpunk, as a cultural expression, raises social, political, and technological questions, influencing the collective imagination and popular culture. Hacktivism emerges as a form of resistance, redefining the role of technology in promoting social justice and participatory democracy. By advancing an inclusive approach grounded in human rights, the article opens space for a critical reflection on the role of young people in building a more just and equitable world. Through theoretical and empirical analysis, the study contributes to the understanding of the dynamics of power and social transformation that permeate youth and their cultural practices.

KEYWORDS: Youth; Culture; Cyberpunk; Hacktivism; Social Justice.

INTRODUÇÃO

A juventude e sua interação com a cultura têm sido temas de interesse e investigação em diversas disciplinas acadêmicas e esferas da sociedade. Ao longo dos anos, a juventude tem sido

¹ Pós-graduando em Juventude no Mundo Contemporâneo na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), email: guilhermeaug123@gmail.com.

percebida como uma fase de transição crucial, marcada por mudanças físicas, emocionais e sociais significativas. Neste contexto, a cultura desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na expressão dos jovens, refletindo e influenciando suas visões de mundo, valores e comportamentos.

Este estudo busca explorar as complexidades da relação entre juventude e cultura, examinando como esses dois elementos se entrelaçam e se manifestam na sociedade contemporânea. Ao longo dos capítulos, analisaremos não apenas a definição e percepção da juventude, mas também a forma como a cultura material, simbólica, ética e moral influenciam e são influenciadas pelas experiências e práticas dos jovens.

Além disso, este trabalho também abordará o surgimento de identidades juvenis, como o cyberpunk, e movimentos sociais, como o hackativismo, como formas de resistência e transformação social. Ao examinarmos esses fenômenos, seremos capazes de compreender melhor as dinâmicas de poder, as lutas sociais e as possibilidades de mudança que permeiam nossa sociedade.

O presente artigo representa uma síntese de reflexões realizadas ao longo da Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo, somadas ao processo de revisão bibliográfico de autores que compuseram a bibliografia básica desse curso, bem como outros autores que desenvolveram pesquisas nas áreas da cultura, juventude e ciberativismo, esses textos foram selecionados com base em autores renomados em suas áreas. Trata-se de um resgate sócio-histórico de fim qualitativo.

Por meio desta pesquisa, buscamos não apenas ampliar nosso entendimento da juventude e da cultura, mas também contribuir para a construção de um diálogo mais amplo e inclusivo sobre os desafios e oportunidades enfrentados pelas gerações mais jovens. Ao fazermos isso, esperamos abrir espaço para reflexões críticas e ações transformadoras que promovam a justiça social, a equidade e a inclusão em nossa comunidade e mundo.

1 JUVENTUDE: CONCEITO E PROBLEMA SOCIAL

A juventude, como conceito, é uma construção social complexa que varia de acordo com o contexto histórico, cultural e socioeconômico. Geralmente, é definida como a fase da vida que marca a transição da infância para a idade adulta, caracterizada por mudanças físicas, emocionais, cognitivas e sociais significativas. No entanto, as percepções e definições de juventude podem diferir amplamente entre culturas e ao longo do tempo, refletindo as normas e valores predominantes em uma determinada sociedade.

Desde meados do século XIX, quando o conceito de adolescência começou a emergir, a juventude tem sido objeto de estudo e preocupação para os estudiosos das ciências sociais e humanas. Nesse período, a industrialização, urbanização e a expansão da educação formal contribuíram para a criação de uma fase distinta entre a infância e a idade adulta, marcada por uma série de desafios e oportunidades únicas.

No entanto, é importante reconhecer que a juventude nem sempre foi vista como uma etapa separada na vida humana. Em sociedades tradicionais, onde a transição para a idade adulta era frequentemente marcada por rituais de passagem, como cerimônias de iniciação, as fronteiras entre a infância e a vida adulta eram menos definidas. Foi somente com o advento da modernidade e o surgimento de novas formas de organização social que a juventude começou a ser reconhecida como uma fase distintiva da vida.

Hoje, a juventude é frequentemente percebida como um período de oportunidades e desafios. Por um lado, os jovens podem enfrentar pressões significativas para alcançar o sucesso acadêmico, profissional e social, enquanto lidam com questões de identidade, autonomia e pertencimento. Por outro lado, a juventude também é vista como uma época de exploração, descoberta e crescimento pessoal, onde os indivíduos têm a oportunidade de experimentar novas ideias, valores e relações sociais.

Foracchi (2018) trabalha com o conceito de juventude a partir da compreensão do que significa ser “adulto” em uma sociedade e, nisso sintetiza a formulação da compreensão de que as sociedades precisam preparar as novas gerações para o ideal de adulto que aquela sociedade impõe, isso, principalmente nas sociedades que não possuem ritos de passagem bem demarcados da infância para a vida adulta. Nas palavras da própria autora:

Toda sociedade elabora um ideal de “adulto”, na qual estão sintetizadas as suas inspirações mais ambiciosas, seus valores mais raros, suas normas mais características, numa palavra, a essência do seu *ethós*. Esse ideal de adulto constitui o ponto máximo da sua humanização, a demonstração viva da riqueza e da variedade de suas potencialidades, a prova incontestável da sua justiça e envergadura moral. A plenitude do status, a amplitude de participação, a identificação completa com os ideais que a sustentam são condições que definem o adulto perante a sociedade em que vive. (FORACCHI, 2018, p. 23)

No entanto, apesar das muitas oportunidades que a juventude pode oferecer, também é frequentemente percebida como um problema social. Questões como desemprego juvenil, violência, delinquência, abuso de substâncias, gravidez na adolescência e marginalização social são comuns em muitas sociedades ao redor do mundo. Esses problemas são frequentemente atribuídos a uma série de fatores, incluindo desigualdades socioeconômicas, falta de acesso a oportunidades educacionais e de emprego, discriminação e marginalização social.

A percepção da juventude como um problema social pode ser exacerbada por representações negativas na mídia, que muitas vezes retratam os jovens como rebeldes, irresponsáveis ou perigosos. Essas representações estereotipadas podem contribuir para a estigmatização dos jovens e dificultar sua integração na sociedade.

No entanto, é importante reconhecer que a maioria dos jovens são cidadãos responsáveis, engajados e ativos em suas comunidades. Muitos deles estão envolvidos em atividades construtivas, como voluntariado, ativismo social, esportes e arte, contribuindo de maneira significativa para o bem-estar de suas comunidades e sociedades.

Em suma, a juventude é um conceito complexo e multifacetado que desafia definições simplistas. Embora seja frequentemente percebida como um período de oportunidades e desafios, também é vista como um problema social em muitas sociedades. No entanto, é importante reconhecer o potencial dos jovens e apoiá-los na realização de seus objetivos e aspirações, construindo assim um futuro mais inclusivo e promissor para todos. Este capítulo estabeleceu um contexto adequado para a discussão sobre o cyberpunk, destacando as complexidades da condição juvenil na sociedade contemporânea.

2 CYBERPUNK: IDENTIDADE HÍBRIDA

Para compreendermos o modo como o cyberpunk influencia a produção cultural e as relações dos jovens com o universo simbólico e material da humanidade. Podemos compreender que

A produção cultural do homem é um documento vivo da história da humanidade. Desde a pré-história até os nossos dias o homem faz cultura, manifestando, através dela, o seu conhecimento e a sua visão de mundo. Por exemplo, a figura de um bisonte pintada na Gruta de Niaux (França), no período pré-histórico, é uma manifestação cultural, tanto quanto a famosa Torre Eiffel ou os aviões supersônicos Mirage. (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p.09)

O cyberpunk surge como uma das mais fascinantes e influentes identidades do final do século XX e início do século XXI. Originando-se na literatura de ficção científica e posteriormente expandindo-se para outras formas de mídia, como filmes, jogos de vídeo, música e moda, o cyberpunk representa uma fusão única de elementos tecnológicos, sociais, políticos e estéticos. Neste capítulo, exploraremos profundamente a natureza multifacetada do cyberpunk como uma identidade híbrida, analisando suas origens, características principais e impacto na sociedade contemporânea.

A primeira coisa a observar é que o cyberpunk não consistia na simples digitalização do movimento punk, mas se articulava como algo diverso e muito mais complexo. A própria origem do termo cyberpunk é incerta. [...] Em todo o cyberpunk, a crítica à sociedade contemporânea era comumente feita por meio da ficção da metáfora da construção de mundos virtuais e da percepção de um futuro no qual a dimensão da ação política era associada à tecnologia com claras referências ao cyborg e às biotecnologias. A heterogeneidade do cyberpunk se difunde em diversos âmbitos das culturas juvenis. (FELICE, 2017, p.102).

O termo “cyberpunk” foi cunhado pelo escritor Bruce Bethke em seu conto “Cyberpunk”, publicado em 1983, mas suas raízes remontam a obras literárias anteriores, como “Blade Runner” (1982) de Philip K. Dick e também, sem a expressão do termo, mas de igual teor no romance “Neuromancer” (1984) de William Gibson. Essas obras inauguraram o gênero cyberpunk, caracterizado por sua ambientação distópica em futuros urbanos dominados pela tecnologia, megacorporações poderosas e identidades marginais.

O cyberpunk emergiu em um momento de intensas transformações sociais, políticas e tecnológicas, refletindo as preocupações e ansiedades da época. O avanço da tecnologia digital, o crescimento das megacorporações, as crescentes disparidades socioeconômicas e as mudanças na paisagem urbana contribuíram para a criação de um ambiente cultural propício para o surgimento do cyberpunk.

O cyberpunk é caracterizado por uma série de elementos distintivos que o diferenciam de outros subgêneros de ficção científica e identidades. Em primeiro lugar, a estética cyberpunk é marcada por uma mistura de elementos futuristas e decadentes, combinando alta tecnologia com ambientes urbanos deteriorados, onde a pobreza, a criminalidade e a corrupção são endêmicas.

Além disso, o cyberpunk aborda temas recorrentes, como o impacto da tecnologia na sociedade, a alienação humana em um mundo cada vez mais digitalizado, a natureza corrupta do poder corporativo e a luta pela liberdade individual em um ambiente autoritário. Esses temas refletem as preocupações e ansiedades em torno do rápido avanço da tecnologia e sua influência na vida cotidiana.

Outra característica-chave do cyberpunk é a presença de hackers e ciberespaço como elementos centrais da narrativa. Os hackers, muitas vezes retratados como anti-heróis que desafiam a autoridade e exploram as brechas do sistema, representam uma resposta à crescente centralização do poder e controle por parte das megacorporações e do Estado.

Esse ambiente híbrido composto da relação de agentes humanos e não humanos, o ciberespaço, se efetiva como um ambiente de socialização e sociabilidade, assim

O ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio textos, meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas. Um programa, ou software, é uma lista bastante organizada de instruções codificadas, destinadas a fazer com que um ou mais processadores executem uma tarefa. Através dos circuitos que comandam os programas interpretam dados agem sobre informações transformam outros programas fazem funcionar computadores e redes acionam máquinas físicas viajam reproduzem-se etc. (LÉVY, 1999, p.41)

Esse ambiente virtualizado fomentou produções culturais que incutiram diretamente no ideário social acerca das tecnologias, cujo olhar possibilitou visões salvíficas de como a tecnologia poderia ser a solução para os problemas humanos ou uma visão distópica, onde a tecnologia é considerada a ruína e ampliação dos abismos sociais.

O cyberpunk exerceu uma influência significativa na cultura popular e no imaginário coletivo, moldando nossa percepção da tecnologia, urbanismo e poder político. Sua estética distópica e suas reflexões sobre os dilemas éticos da era digital ressoam em uma sociedade cada vez mais dependente da tecnologia e preocupada com as consequências não intencionais de seu uso indiscriminado.

Além disso, o cyberpunk inspirou uma série de movimentos artísticos, filosóficos e políticos, incluindo o ciberativismo e o transumanismo. O ciberativismo, por exemplo, utiliza as ferramentas e plataformas digitais para promover mudanças sociais e políticas, enquanto o transumanismo busca transcender as limitações humanas por meio da tecnologia, refletindo assim os ideais de progresso e emancipação presentes no cyberpunk.

O termo “ciberativismo” surgiu nos anos 1990 para indicar uma ampla e heterogênea quantidade de movimentos, caracterizados por um novo tipo de participação que ocorria por meio do uso das tecnologias digitais e começava a se manifestar em diversas partes do mundo. Esse tipo de ativismo midiático tinha nas tecnologias digitais de comunicação um válido instrumento para reforçar as organizações, seja local ou globalmente, permitindo a coleta capilar de fundos, facilitando a coordenação internacional de campanhas e protestos, obtendo e difundindo informações, denúncias e petições. Em termos gerais, nessa primeira fase, o ciberativismo referia-se ao uso da Internet para dar suporte aos movimentos globais e às causas locais, utilizando as arquiteturas informativas do primeiro tipo de Internet para disseminar informações, promover a discussão coletiva de ideias e a proposta de ações, criando canais de participação e difundindo estilos e práticas experimentais de conflitualidade. (FELICE, 2017, p.101).

No entanto, o impacto do cyberpunk vai além da esfera cultural e estética, influenciando também a maneira como pensamos e nos relacionamos com a tecnologia. Suas visões distópicas do futuro nos alertam sobre os perigos da desigualdade digital, vigilância em massa e perda de privacidade, enquanto sua celebração da resistência e do empoderamento individual nos inspira a questionar e desafiar as estruturas de poder dominantes.

Em suma, o cyberpunk representa uma identidade híbrida que transcende as fronteiras entre a ficção e a realidade, o passado e o futuro, o analógico e o digital. Sua estética distópica e suas reflexões sobre o impacto da tecnologia na sociedade contemporânea continuam a ressoar e inspirar gerações futuras, consolidando assim sua posição como uma das identidades mais influentes e duradouras do século XXI.

3 ÉTICA, TRANSFORMAÇÃO E A IDEIA DE DELINQUÊNCIA JUVENIL

A ideia de delinquência juvenil tem sido historicamente associada à juventude, muitas vezes perpetuando estereótipos negativos e visões simplistas sobre os jovens e suas ações. No entanto, à medida que nossa compreensão da juventude e da sociedade evolui, é crucial desafiar esse estereótipo e reconhecer a complexidade das experiências juvenis, bem como o papel transformador que os jovens desempenham na construção de um mundo mais ético e inclusivo.

Nessa perspectiva, esses conflitos carregam a possibilidade de ruptura do processo de integração do jovem à ordem, da transmissão da herança cultural ou mesmo da própria ordem social. E é esta mesma crise, plantada no centro da condição juvenil, que coloca a juventude como um problema da sociedade moderna. (ABRAMO, 1994, p.14)

No passado, os jovens que desafiavam as normas sociais ou se envolviam em comportamentos considerados desviantes eram frequentemente rotulados como delinquentes e tratados como tal pelo sistema legal e pela sociedade em geral. Essa abordagem punitiva tendia a reforçar estigmas e marginalizar ainda mais os jovens, muitas vezes impedindo-os de alcançar seu pleno potencial e contribuir de maneira construtiva para a sociedade. E essa visão generalizou a compreensão da juventude como sujeitos passíveis de desordem,

[...] A visibilidade da juventude e sua tematização como problema constroem-se, [...], através do comportamento “anormal” por parte de grupos delinquentes, ou excêntricos, ou contestadores, implicando todos, embora formas diferentes, em um contraste de padrões vigentes. (ABRAMO, 1994, p.08)

No entanto, à medida que a compreensão da juventude como uma fase de transição e descoberta se aprofundou, houve um movimento em direção a uma abordagem mais holística e centrada nos direitos humanos para lidar com a chamada “delinquência juvenil”. Essa abordagem reconhece que muitos dos comportamentos considerados delinquentes são, na verdade, manifestações de necessidades não atendidas, traumas não resolvidos, falta de oportunidades ou discriminação sistêmica enfrentada pelos jovens.

Um aspecto fundamental dessa transformação na abordagem da delinquência juvenil é a mudança de foco da punição para a intervenção preventiva e reabilitação. Em vez de simplesmente responsabilizar os jovens por seus comportamentos, há um reconhecimento crescente da importância de abordar as causas subjacentes da delinquência e fornecer apoio e recursos adequados para ajudar os jovens a superar desafios e alcançar seu potencial.

Além disso, há uma ênfase cada vez maior na participação ativa dos jovens na tomada de decisões que afetam suas vidas e comunidades. Isso inclui a promoção de mecanismos de participação social, como conselhos juvenis, grupos de defesa de direitos e programas de envolvimento cívico, que capacitam os jovens a fazerem ouvir suas vozes, defenderem seus direitos e contribuir para a formulação de políticas públicas.

No entanto, apesar dos avanços na compreensão e abordagem da delinquência juvenil, ainda persistem desafios significativos. Muitos jovens continuam enfrentando barreiras estruturais e sociais que os impedem de acessar oportunidades educacionais, de emprego e de participação plena na sociedade. Além disso, estereótipos arraigados sobre a juventude e a criminalidade podem levar à criminalização excessiva e injusta de jovens de comunidades marginalizadas.

É crucial, portanto, continuarmos desafiando esses estereótipos e trabalhando em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos os jovens tenham a oportunidade de prosperar e contribuir de maneira significativa para o bem-estar coletivo. Isso requer não apenas políticas e programas que abordem as causas subjacentes da delinquência juvenil, mas também uma mudança cultural mais ampla que valorize a diversidade, a equidade e a justiça social em todas as esferas da vida. Ao fazermos isso, podemos criar um mundo onde a ideia de delinquência

juvenil seja substituída pela visão de jovens como agentes de mudança e sujeitos de direitos em sua própria jornada rumo à realização pessoal e social.

4 HACKATIVISMO, VALORES E A MOTIVAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÃO

O hackativismo apresenta-se como uma manifestação única da interseção entre a tecnologia digital, os movimentos sociais e a busca por mudança transformadora na sociedade contemporânea. Podemos compreender o hackativismo como uma expressão das contradições inerentes ao sistema capitalista, onde a tecnologia, originalmente desenvolvida para servir aos interesses das elites dominantes, é apropriada e recontextualizada pelos oprimidos como uma ferramenta de resistência e subversão.

A origem do hackativismo é um tanto incerta, entretanto, alguns pesquisadores atribuem seu surgimento a um caso ocorrido nos anos 50,

[...] quando estudantes do MIT (Massachusetts Institute of Technology) começaram a fazer brincadeiras inofensivas e piadas práticas. Estes hackers descobriram que apitos de criança produziam a frequência sonora necessária para “enlouquecer” os sistemas telefônicos da “Ma Bell”, o que possibilitou que eles fizessem ligações a longa distância gratuitamente. A partir desse ponto, o movimento tomou proporções gigantescas. (LORENTZ *et al*, 2016, p. 7)

No cerne do hackativismo está a crença na capacidade das pessoas comuns de desafiar as estruturas de poder estabelecidas e catalisar mudanças significativas através da ação direta e da criatividade tecnológica. Contrariando a narrativa dominante que retrata os hackers como vilões ou criminosos, o hackativismo busca redefinir o significado desse termo, ressaltando sua associação com valores como transparência, liberdade de expressão, privacidade e justiça social.

No livro “A Desobediência Civil”, Thoreau (2012) critica o governo americano da época por sua falta de integridade e vitalidade, comparando-o a um exército permanente que é apenas um braço de um governo permanente, ambos sujeitos a abusos e, mediante essa compreensão, discute a necessidade de reforma social e a responsabilidade dos cidadãos em promover a justiça, mesmo que isso signifique desobedecer às leis do Estado.

Ao adotar uma abordagem disruptiva e exponencial, os hacktivistas procuram expor e criticar as injustiças e desigualdades existentes no tecido social, seja revelando informações confidenciais sobre práticas corruptas de governos e corporações, seja organizando ataques de negação de serviço para protestar contra políticas opressivas ou violações de direitos humanos. Essas ações não visam apenas causar danos ou perturbações, mas sim provocar uma reflexão crítica e instigar ações concretas para promover mudanças positivas na sociedade.

É importante ressaltar que o hackativismo não é monolítico, mas sim diversificado em termos de táticas, objetivos e valores. Enquanto alguns grupos podem se engajar em atividades

mais radicais e disruptivas, outros podem adotar uma abordagem mais pacífica e colaborativa, como o desenvolvimento de software livre e ferramentas de criptografia para fortalecer a privacidade e a segurança online.

O hackativismo representa uma manifestação da luta de classes no campo digital, onde os indivíduos e grupos marginalizados buscam nivelar o campo de jogo e reivindicar sua voz e poder na esfera pública. Ao desafiar as normas e estruturas de poder estabelecidas, os hacktivistas estão não apenas questionando o status quo, mas também criando novas possibilidades e imaginários para uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

No entanto, é importante reconhecer os desafios e dilemas éticos associados ao hackativismo, incluindo questões de privacidade, segurança e responsabilidade. Enquanto alguns podem argumentar que os fins justificam os meios quando se trata de promover mudanças sociais positivas, outros podem questionar os métodos utilizados pelos hacktivistas e suas consequências não intencionais.

Em última análise, o hackativismo é um fenômeno complexo e multifacetado que desafia as fronteiras tradicionais entre tecnologia, política e cultura. Ao reconhecer e valorizar seu potencial transformador, podemos abrir espaço para um diálogo mais amplo e inclusivo sobre o papel da tecnologia na promoção da justiça social e na construção de um mundo mais equitativo e sustentável para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, exploramos as interseções entre juventude, cultura e movimentos sociais, examinando como esses elementos se entrelaçam e influenciam-se mutuamente na sociedade contemporânea. Desde a análise da juventude como uma fase de transição e descoberta até a investigação do hackativismo como uma forma de resistência e transformação, pudemos vislumbrar as complexidades e potencialidades dos fenômenos sociais em questão.

Um dos principais pontos destacados ao longo deste estudo foi a necessidade de desafiar estereótipos e concepções simplistas sobre a juventude e suas interações com a cultura e a sociedade. A juventude não deve ser vista apenas como um problema social a ser corrigido, mas sim como uma força dinâmica e criativa que impulsiona mudanças significativas em nossa comunidade e mundo.

Além disso, examinamos o papel do cyberpunk e do hackativismo como expressões de resistência e subversão no contexto contemporâneo. Enquanto o cyberpunk nos convida a refletir sobre as implicações éticas e sociais da tecnologia em nossa sociedade, o hackativismo nos desafia a repensar as relações de poder e a buscar formas alternativas de engajamento cívico e político.

No entanto, é importante reconhecer que esses movimentos não são homogêneos e podem variar em termos de táticas, valores e objetivos. Enquanto alguns grupos podem optar por

uma abordagem mais radical e disruptiva, outros podem buscar formas mais colaborativas e inclusivas de promover mudanças sociais positivas.

À medida que avançamos para o futuro, é fundamental continuar a explorar esses temas e a buscar novas formas de engajamento e participação cívica que promovam a inclusão, a justiça social e a sustentabilidade. Isso requer não apenas ações individuais, mas também mudanças estruturais e políticas que abordem as causas subjacentes das desigualdades e injustiças em nossa sociedade.

Em última análise, este estudo nos lembra da importância de ouvir as vozes dos jovens, valorizar sua criatividade e resiliência, e criar espaços onde possam se expressar livremente e contribuir para a construção de um mundo mais justo e equitativo para todos. Ao fazermos isso, podemos abrir caminho para um futuro mais promissor e esperançoso para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994. 172 p.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Moderna, 1990. 120 p.
- FELICE, Massimo di. *Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo*. São Paulo: Paulus, 2017. 288 p.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. *A Juventude na Sociedade Moderna*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 2018. 192 p.
- LÉVY, Pierre; DUARTE, Milton Fernandes. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p. Tradução: Carlos Irineu da Costa.
- LORENTZ, Gustavo Acauan et al. Hacktivismo e Suas Origens na Cybercultura. *Materializando Conhecimentos*, Porto Alegre, v. 1, n. 7, p. 01-19, set. 2016. Disponível em: https://www.redeicm.org.br/wp-content/uploads/sites/36/2019/06/a3_hacktivismo.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.
- THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2012. 152 p.

Artigo Submetido em 30.09.2025 e aprovado em 02.11.2025.

Guilherme Augusto Siebeneichler, graduado em pedagogia, mestrando em Educação pelo PPGE (Unioeste Cascavel), bolsista CAPES na modalidade Mestrado, assessor técnico da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste),

E-mail: guilhermeaug123@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1967-2984>

Endereço: Rua Maresias 290, Bl02 Apto307, Floresta, Cascavel-PR

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores:

Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

Dra. Symaira Poliana (UFMG)

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)

Me. Joilson Toledo (UERJ)

Dr. Mateo Ortiz (Pontificia Universidade Javeriana/Colômbia)

Dr. Nilson Weisheimer (UFRB)

Dr. Sebastião Everton de Oliveira (FAJE)

Dra. Martha Gutiérrez (Pontificia Universidade Javeriana/Colômbia)